

APRESENTAÇÃO

Este segundo número de *Politeia: História e Sociedade* apresenta, como texto de abertura, um ensaio de Frédéric Mauro intitulado *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico em 1493 e 1993*. Neste texto, o historiador francês, falecido em junho de 2001, explora um tema que foi predominante ao longo de sua notável produção acadêmica: o papel do Atlântico na conformação das estruturas políticas e econômicas de um mundo que, desde as navegações do século XV, se torna irreversivelmente interligado. Europa e América, Europa e África, América e África: territórios que, graças ao Mar Oceano se tornam próximos e interdependentes. Mauro foi testemunha viva desta proximidade e interdependência entre o Velho e os Novos Mundos; historiador francês da geração de Braudel, atuou profissionalmente no Brasil e nos Estados Unidos e, na Europa, presidiu a Associação dos Historiadores Latino-Americanistas Europeus, que ajudou a fundar em 1969.

O papel modelador do Atlântico será, em maior ou menor grau, reafirmado em vários dos artigos que compõem este número de *Politeia*. No artigo *A imagem do negro no relato de viagem de Alvise Cadamosto (1455-1456)*, Silvio Marcus de Souza Correa aborda os primórdios deste atributo do Atlântico

enquanto vinculador de mundos. O autor destaca os elementos essenciais das primeiras impressões e imagens forjadas pelo olhar europeu em torno das *gentes negras* que, em meados do século XV, habitavam as costas ocidentais da África.

Um outro texto, da professora da Universidade de Paris VII, Florence Gauthier, analisa os movimentos tradicionalmente identificados como *rebeliões antiescravistas* das Antilhas francesas, destacando os elementos que aproximam tais movimentos com os ideais de igualdade política que, do outro lado do Atlântico, animavam as paixões revolucionárias em favor de uma sociedade afirmativa da igualdade entre os cidadãos. Da mesma forma, preocupa-se em demonstrar Gauthier, o abandono contra-revolucionário dos ideais de igualdade política, no Haiti de Dessalines, igualmente acompanha o refluxo que tal ideário assistiu, na Europa, sob o poder imperial de Bonaparte.

No artigo seguinte, Louis Gill narra a saga da população do Québec na busca da afirmação de sua autonomia e autodeterminação. Fruto da expansão atlântica da Europa, o Québec (primeiramente colônia francesa e, a seguir, inglesa) atravessará os séculos XIX e XX enfrentando a ameaça e o cerceamento à liberdade, impostos pelos interesses políticos e econômicos da Coroa britânica, interesses estes tornados, pelo Atlântico, dramaticamente presentes e disseminados entre os quebequenses.

Os dois artigos seguintes, de Maria Helena Flexor e de Carla Anastasia, tratam de diferentes aspectos e de diferentes regiões da América portuguesa. O primeiro aborda os sistemas doutrinários e ideológicos, edificados na Europa, que, no século XVIII, instrumentaram o projeto pombalino de reurbanização do Brasil e, particularmente as políticas de absorção dos indígenas à população colonial do Grão Pará e Maranhão. O segundo, enfocando o mesmo Brasil do século XVIII, trata das fragilidades das estratégias e dos aparatos institucionais edificados pela Coroa portuguesa no sentido de assegurar a ordem propiciadora de suas vantagens econômicas às custas da população de suas possessões coloniais. Analisando as variadas formas de emprego da violência e das práticas coercitivas de poder, por parte das elites locais, nos sertões da Capitania de Minas Gerais, Carla Anastasia demonstra a emergência de uma estrutura de poder pautada não apenas pela ameaça à tranqüilidade e à segurança da população local, mas também pela

desestabilização dos mecanismos de controle da ordem tentados pelo poder metropolitano situado na outra margem do Atlântico.

Cinco outros artigos completam este número de *Politeia*. Em um deles, José Francisco de Moura aborda um mundo pré-Atlântico, a Grécia do século VI a.C. Aqui, o autor se preocupa em ressaltar, por trás de grandes e diversificadas linhas de produção cultural (como a produção cerâmica figurada e as narrativas míticas situadas na Idade Heróica), o reiterar constante de uma peculiaridade local e específica: a afirmação dos atributos que constituem o apanágio da aristocracia espartana do período arcaico.

Por fim, os quatro outros artigos aqui publicados apresentam diferentes reflexões em torno da produção historiográfica contemporânea. Michael Löwy dedica-se a analisar o tratamento dispensado por Eric Hobsbawm às revoltas camponesas na Europa dos séculos XIX e XX. Tânia Maria Gomes Silva trata da família enquanto objeto da reflexão historiográfica. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho propõe um debate em torno das tendências, que instituem uma variante pós-moderna da historiografia, de negação da capacidade intelectual em apreender a realidade humana, reduzindo o mundo concreto a um acúmulo informe de percepções e representações que, por mais díspares que se apresentem entre si, gozam do mesmo estatuto quanto à aproximação da verdade. Por último, Antonio Pereira Sousa traça um panorama das diferentes formas de apreensão deste que é um componente essencial do fazer historiográfico: o tempo.

Ao final desta apresentação, desejamos assinalar os sinceros agradecimentos da diretoria executiva de *Politeia* aos integrantes do Conselho Editorial da Revista, que graças às sugestões, ao esforço de divulgação, e à análise criteriosa dos textos recebidos, têm possibilitado a sobrevivência desta publicação. Neste número, particularmente, expressamos um agradecimento especial ao Prof. Dr. Jorge Luiz Bezerra Nóvoa, da Universidade Federal da Bahia que, munido da autorização para publicação, no Brasil, dos textos de Frédéric Mauro, de Michael Löwy, de Florence Gauhtier e de Louis Gill, repassou a mesma para a Revista *Politeia*, contribuindo enormemente para o fortalecimento de nosso projeto editorial.